

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

Imaginar o feminino - pesquisa, problema e método para a extensão na filosofia

Imagining the female - research, problem and method for extension in philosophy

Imaginando lo femenino - investigación, problema y método de extensión en filosofía



Benedetta Bisol

Universidade de Brasília



Priscila Rossinetti Rufinoni

Universidade de Brasília



Gigliola Mendes

Universidade de Brasília



Ana Paula Lopes

Universidade de Brasília

2

Resumo: Este artigo visa analisar e discutir práticas extensionistas no âmbito da filosofia. Para isso, considera aspectos significativos do projeto e da realização do encontro “Silêncio, silenciamento e escrita feminina”, realizado durante a Semana Universitária da UnB de 2017. O artigo descreve os pressupostos teóricos subjacentes às ativida-

des que o grupo de pesquisa propôs para o encontro, ilustrando os significados do tema em pauta e discutindo abordagens filosóficas relativas à questão das mulheres, que podem ser implementadas de modo efetivo no contexto da extensão. A iniciativa visou enfatizar o potencial formativo de extensão como processo dialético de mediação, no qual os participantes das atividades são considerados como agentes sociais e culturais. Além disso, discutindo as imagens do feminino na filosofia, ou seja, imagens das mulheres não só como objeto (como questão filosófica), mas também especialmente como sujeitos que fazem filosofia, o evento teve como objetivo dar voz a essas mulheres, como promotoras de conhecimento e protagonistas ativas na comunidade acadêmica e na sociedade.

Palavras-chave: Imaginário. Feminismo. Filosofia. Extensão.

3

Abstract: This article aims to analyze and discuss extension practices in the field of philosophy. To this end, it considers significant aspects of design and realization of the meeting “Silence, silencing and female writing”, held during the Welcome Week of University of Brasilia, in 2017. The article describes the theoretical assumptions underlying the activities that the researcher team proposed for the meeting, illustrating the meaning of its motto, and discussing philosophical approaches of how to deal with women’s issues in a broader context of extension. The initiative aimed to emphasize the formative potential of extension, as a dialectic process of mediation, in which the participants of the activities are considered as social and cultural agents. Furthermore, discussing images of women in philosophy, i.e. the woman as objects of philosophy (as philosophical issue), but especially as subjects that make philosophy, the event aimed to give voice to women, as promoters of knowledge and active protagonists within the academic community and in society.

Keywords: Imaginary. Feminism. Philosophy. Extension program.

Resumen: El trabajo presenta reflexiones sobre las prácticas de extensión en el ámbito de la filosofía, tomando como punto de partida un informe sobre la construcción del evento de extensión titulado “Jornada Silêncio, silenciamento y escritura femenina”, realizado durante la Semana Universitaria de la UnB 2017. El artículo busca explicar el supuesto teórico del grupo que propuso el evento, tomando como punto de partida el problema de el lema del evento y los métodos utilizados para articular los diversos aspectos del tema, para repensar los métodos de acción extensionista en el contexto de la filosofía. La propuesta idealizada tenía como objetivo valorar el carácter formativo de la extensión como un proceso dialéctico de mediación, en el que los participantes de las actividades son considerados agentes sociales y culturales. Además, al cuestionar la imaginación de lo femenino en filosofía, en la universidad y en la comunidad, el evento dio protagonismo a las mujeres como creadoras no solo de la ciencia, sino también de la vida de la institución universitaria y la sociedad.

Palabras clave: Imaginario. Feminismo. Filosofía. Extensión.

Data de submissão: 01/05/2020
Data de aprovação: 12/05/2020

Introdução

Esse texto visa explorar um evento na área de Filosofia, no sentido de pensar as formas e métodos de se fazer extensão universitária, a partir de questões acadêmicas. Trata-se do evento “Silêncio, silenciamento e escrita feminina”, jornada idealizada por um grupo de mulheres, professoras, pesquisadoras, estudantes e funcionárias do Departamento de Filosofia da UnB, com a contribuição de outros departamentos da mesma universidade e de artistas do Distrito Federal. A jornada foi realizada como evento de extensão para a Semana Universitária da UnB de 2017, nos dias 23 e 24 de outubro.

A primeira inquietação quanto ao tema veio das estudantes de graduação, principalmente de Ana Paula Lopes e Ingrid de Carvalho, co-organizadoras da Jornada. Mesmo antes dessa jornada, já na calourada de 2017, algumas estudantes haviam promovido um encontro para falar sobre a situação. Em seguida, houve uma movimentação no Centro Acadêmico de Filosofia, CAFIL, para se criar uma sala especial dedicada aos estudos femininos. Moviada pela demanda estudantil, a Jornada fez parte também de um percurso de pesquisa, estudo e atuação no que tange às possibilidades de extensão no âmbito da filosofia. Esse percurso de pesquisa em extensão tem por enfoque temático principal a questão do imaginário político, social e cultural, investigando conjuntamente a noção de utopia e a história das utopias. E essa pesquisa teórica segue acompanhada, como parte integrante dos trabalhos do grupo, da realização periódica de atividades de extensão, focadas sobretudo no campo do ensino médio. Podemos dizer que o núcleo organizador do evento, grosso modo, foi esse grupo de pesquisa e extensão com vistas à formação docente e à pesquisa em escolas.

A Jornada representou uma tentativa de atuação do grupo explicitamente dirigida a um público mais amplo. A sua realização tornou, portanto, necessária uma reflexão sobre modelos de extensão adequados ao diálogo com a comunidade, e não apenas com o mundo da escola ou da universidade. No presente trabalho, pretendemos ilustrar os momentos fundamentais desta reflexão, mostrando quanto o tema escolhido, isto é, as (im)possibilidades de expressão das mulheres, os lugares e as formas em que elas atuam e o que dificulta esta atuação, não representam um tópico entre outros, mas sim um ponto de partida para repensar, no contexto da extensão, a interação entre universidade e sociedade, assim como a inserção social da universidade e a definição do seu papel comunitário. Já na realização das atividades de extensão anteriores a essa, o grupo havia optado por uma forte integração entre pesquisa, ensino e extensão, cuidando, ao mesmo tempo, de manter as especificidades de cada fase e momento do trabalho. De forma geral, pode se dizer que tentamos evitar atuações de extensão que se configuram como mera difusão de dados de pesquisa, privilegiando o caráter formativo da extensão como processo dialético de mediação, em que os participantes das atividades são considerados como agentes sociais e culturais, e não como meros recipientes, desprovidos de saberes, ou como espectadores passivos de palestras (cf. BISOL, MENDES, 2017).

Ao pesquisar, no âmbito do grupo de pesquisa citado, relatos de eventos sobre extensão na área de Filosofia nas principais revistas dedicadas ao assunto – entre publicações selecionadas como, por exemplo, *Participação* (UnB), *Dialogos - pesquisa em extensão universitária* (UCB - Universidade Católica de Brasília), *Revista da UFG* (UFG), *Interfaces* (UFMG), *Revista de cultura e extensão* (USP) –, notou-se que há poucos artigos voltados especificamente a pensar a metodologia de transposição de elementos acadêmicos filosóficos às questões comunitárias. Há inúmeros relatos de projetos

de extensão e mesmo de temas a serem abordados, mas, devido à incipiência da própria extensão como tema de debate, poucos são os artigos voltados propriamente à metodologia de atuação. Com as devidas exceções evidentemente, parece um campo a ser explorado. Sem um debate mais aprofundado, geralmente, a maioria dos departamentos oferece como projetos de extensão cursos de filosofia que seguem o modelo da aula expositiva, ou eventos de divulgação científica, privilegiando temas de interesse social imediato e a (suposta) demanda da comunidade. Problema já sugerido por outros agentes preocupados com a função extensionista da universidade, como, por exemplo, pela socióloga Maria Arminda do Nascimento Arruda, que ocupou o cargo de pró-reitora de cultura e extensão na USP nos anos de 2010:

7

O dilema da área de cultura e extensão resulta, pois, da dificuldade de pensá-la para além da estreita divulgação e da simples prestação de serviços e de atendimento de demandas, mas, em especial, da necessidade de distingui-la do domínio do mercado. Tarefa difícil em função do caráter dominante do sistema de indústria cultural. Em tal cenário, as atividades tornam-se presas fáceis de requerimentos diversos, vindo desfiguradas as intenções que constituíram a cultura das universidades, com os seus corpos de crenças próprios e mecanismos inerentes de reconhecimentos e legitimações (ARRUDA, 2010, p.13-14)

Para propor um debate de métodos que escapem à divulgação e ao atendimento de demandas, sem perder, contudo, seu caráter de produção acadêmica diferenciada da cultura midiática geral, privilegiamos o formato de rodas de conversa e oficinas: trata-se sim de apresentar e transmitir conhecimentos elaborados pelos pesquisadores e pesquisadoras ao longo do trabalho de es-

tudo, mas também de explicitar e discutir, junto com os participantes dos encontros, os pressupostos teóricos e metodológicos que permitiram, ao grupo de pesquisa, chegar aos resultados apresentados. Trata-se igualmente de, apoiando-se no caráter eminentemente questionante e dialógico da filosofia, tornar a própria atividade de extensão um momento de prática filosófica coletiva, cujos resultados reverberam nos estudos desenvolvidos e constituem um novo impulso a prossecução do trabalho de pesquisa universitária. Para explicitar os vários momentos de desenvolvimento da atividade, iniciamos por explicar o aporte teórico de que nos valem (no caso, a questão do imaginário coletivo), o problema comunitário que detectamos (como vimos, o problema que nos foi apresentado pela demanda discente) e, por fim, como promovemos o atrito entre pesquisa acadêmica e problema social a partir de um modo de atuação – um método – de extensão universitária. Importante ressaltar que a ordenação dos tópicos segue apenas uma função expositiva, nunca hierárquica.

8

O imaginário das mulheres: as imagens das mulheres a partir da noção de imaginal

De acordo com Wunenburger, o imaginário é

um conjunto de produções mentais ou materializadas em obras, com bases em imagens visuais (quadro, desenho, fotografia) e linguísticas (metáfora, símbolo, relato), formando conjuntos coerentes e dinâmicos, referentes a uma função simbólica no sentido de um ajuste de sentidos próprios e figurados. (WUNENBURGER, 2007, p. 11).

Por isso, nas formas mais variadas, ricas ou pobres em imagens, mais ou menos fundamentadas e cientemente articuladas e refletidas, qualquer pessoa, de qualquer idade, é portadora e criadora de um imaginário. A coerência do imaginário não pode ser discutida em termos de adequação e correspondência a um modelo pré-definido, mas justamente observando as tensões e os conflitos, assim como as relações e os nexos entre diferentes imaginários individuais e coletivos, entendidos, estes últimos, por sua vez, como produzidos por grupos mais ou menos extensos e diferentemente situados do ponto de vista social e cultural. Wunenburger explora também os imaginários de um ponto de vista temático, destacando a dificuldade de chegar a um acordo em relação à definição de uma lista unívoca. Alternativa a uma lista temática de tópicos que constituem os núcleos temáticos constantes do imaginário, além de diferenciações políticas, sociais e culturais, o autor considera como abordagens mais inovadoras dos imaginários aquelas que “se fundam na identificação de constelações coerentes que revelam sua capacidade de auto-organização de ideias, dos afetos e das ações dos agentes que o veiculam” (2007, p. 74, grifo nosso), destacando em seguida alguns exemplos: imaginários de um grupo social, imaginários de um povo, imaginários de uma época, imaginários de uma tradição espiritual, imaginários de uma técnica social (2007, p. 74 e seg.).

Abordando então a questão a partir da perspectiva do ator individual (seja ele um indivíduo ou um grupo de indivíduos), o imaginário se constitui e se alimenta, de maneira fluida, dinâmica e nem sempre completamente coerente, através da participação na formação, por um lado, e da apropriação, por outro, dos diferentes imaginários, na medida em que cada indivíduo está situado em grupos sociais – num povo, numa época, em tradições espirituais – e interage com técnicas sociais que contribuem também a

moldar o seu imaginário. Wunenburger destaca, especialmente, o caráter uniformizador da televisão, gerador de uma mundialização dos costumes:

O psiquismo do telespectador é reduzido a uma vivência participativa, pela qual a imagem ativa a imaginação, a medida em que substitui o real por um irreal. Fonte de projeção e de identificação, a imagem oferece ao eu uma socialidade por procuração que o torna contemporâneo de todos os seres múltiplos que animam a tela. Essa vinculação empática com o mundo da representação imagética é prolongada, por seu turno, por meio de uma socialidade modificada. A experiência visual, partilhada frequentemente por outras pessoas no mesmo lugar, desemboca então num tipo de experiência comum que é substituída pelo comentário social dos jornais especializados e pelos relatos induzidos que alimentam as trocas do tempo de trabalho. A televisão, ao impor-se como um referencial comum de uma sociedade, apesar da multiplicidade dos programas, torna-se assim uma vulgata cujos heróis e os feitos elevados se transformam numa espécie de fundo comum do imaginário coletivo (WUNENBURGER, 2007, p.97-98).

Pode-se questionar se o diagnóstico desenvolvido por Wunenburger não deveria ser suplementado hoje em dia, incluindo como referencial comum para o imaginário coletivo a influência, cada vez mais predominante, da comunicação virtual e das redes sociais. O psiquismo de quem navega na Internet poder-se-ia destacar como hipótese de estudo -- apresenta a primeira vista algumas similitudes com o psiquismo do telespectador; a interação virtual possibilita, contudo, não apenas o partilhar com outros da mesma experiência visual, mas também a realização de representações

imagéticas que simulam, no meio virtual, a interação e a troca intersubjetivas. Por isso, os formatos de interação virtual não apenas se configuram analogamente às práticas reais, mas *produzem* formas de interação social, criando novas formas de socialidade.

Uma chave de leitura para situar esta questão é sugerida por Bottici, que destaca como característica do imaginário “na época do *global village*” uma “superabundância em imagens e, ao mesmo tempo, uma falta de informações relevantes, sobre os outros e sobre nós mesmos”. (BOTTICI, 2014, p. 2). A hipótese de pesquisa central está no “nexo entre a indiscriminada proliferação de imagens e a crise da imaginação política, entendida como capacidade radical de começar algo novo”. (BOTTICI, 2014, p. 2). Bottici constrói a tensão entre imaginário coletivo e imaginário individual, com o objetivo de resolver a oposição metafísica entre psique individual e sociedade, cuja aparição, por sua vez, na opinião da autora, se dá como sintoma de um problema filosófico mais profundo: “se se começa com a ‘imaginação’, concebida como uma faculdade individual, o problema é como dar conta das influências do contexto social, que por vezes vão se sobrepondo a ela. Se começamos com o conceito de imaginário social, o problema é como conciliá-lo com a livre imaginação dos indivíduos” (BOTTICI, 2014, p. 5). Este problema, também implícito na reconstrução da noção de imaginário proposta por Wunenburger, é resolvido por Bottici recorrendo à noção de *imaginal*, considerada pela autora como “o melhor instrumento conceitual para superar o impasse em questão” (BOTTICI, 2014, p. 5). Ou seja:

Imaginal significa simplesmente que o que é feito de imagens e pode por isso ser o produto da faculdade individual e do contexto social, assim como da complexa interação entre ambos. O *imaginal* é um conceito que foi recentemente recuperado de uma tradição filosófica muçulmana sufi e proposto como uma

terceira possibilidade entre teoria da imaginação e teorias do imaginário. Contrariamente a imaginação e imaginário, o conceito de imaginal enfatiza a centralidade das imagens, mais que a faculdade ou o contexto que as produzem; não faz algumas suposições sobre o caráter individual ou social de tal faculdade (BOTTICI, 2014, p. 5. Tradução nossa).

A noção de *imaginal* foi retomada para destacar, na construção da Jornada, diretrizes que permitissem desenvolver vários planos de discussão, de forma metodologicamente consistente e praticamente eficaz:

1. Não há *um* imaginário unívoco sobre (e das) mulheres: as visões e percepções individuais se entrelaçam com imaginários sustentados por constelações diferentes, moldadas, por sua vez, não só pelos meios de comunicação (televisão e comunicação virtual, especialmente nas redes sociais), mas também por instâncias diversas, culturais, sociais, políticas (também conotadas nacional ou etnicamente), históricas, religiosas, geracionais. Embora se possa pressupor o forte poder uniformizador das técnicas sociais, isso não leva a pressupor com igual certeza que isso torne o imaginalis coerente e consistente, nem que ele seja completamente compartilhado por todas e todos. Mostra-se, em relação a este ponto, também um tensionamento entre uma construção da imagem da mulher que poderia ser tipificada com base no gênero, tendo em vista, por um lado, uma oposição binária homem\mulher, e, por outro, a necessidade de não reduzir a questão do imaginário feminino a essa simplificação, pois não considera tensionamentos surgidos na reflexão sobre a teoria de gênero, na representação de si, como mulher ou não, dentro de relações afetivas e formais das mais variadas.

2. Destacando uma peculiaridade da realidade brasileira, deverá-se ter especialmente em conta o fator racial como um elemento caracterizante do imaginário da mulher, no qual, na construção da figura feminina, elementos parecidos, ou até idênticos, podem levar a visões opostas da mesma situação. Pensamos, neste sentido, em exemplos relativos à visão da mulher trabalhadora, à questão da educação dos filhos, à liberdade sexual, ao aborto. O que no caso da mulher branca pode ser considerado um elemento emancipador, que contribui para construção de uma visão positiva, pode se tornar, no caso da mulher negra, um fator pejorativo para sua imagem, que fortalece o seu estado de opressão.

3. Embora houvesse um consenso claro entre as realizadoras do projeto sobre o silenciamento que caracteriza hoje a condição feminina na ciência, situação que chega em muitos casos ao nível do assédio moral, intelectual, sexual, não houve igual consenso sobre como a relação entre filosofia e mulheres poderia se articular, mais precisamente de um ponto de vista histórico-teórico. As divergências foram basicamente relativas à avaliação do pensamento ocidental como constitutiva e ideologicamente misógino. O objetivo de percorrer mais precisamente as etapas históricas e conceituais da figuração da mulher na história do pensamento filosófico ocidental e a sua discussão prévia, antes de montar o projeto, era tarefa, por óbvias razões, impossível. Contudo, se considerou necessário enfatizar, no percurso construído, pelo menos de forma esboçada, a pluralidade das construções do(s) feminismo(s), em que reverbera, entre outros fatores histórico-culturais, justamente as diferentes abordagens da tradição filosófica e de outras tradições de pensamento.

4. Há, por fim, uma pluralidade de métodos a partir dos quais a questão do imaginário das mulheres pode ser discutida, imanen-

te às diferentes abordagens no contexto de uma única disciplina, mas também relativamente aos entrelaçamentos inter e transdisciplinares. A perspectiva plural inclui ainda as diferentes modalidades em que o imaginário pode ser formado e transmitido, tomando como distinção básica uma conceituação linguística, em forma de conceitos, descrições e narrações e uma conceituação mais propriamente imagética (embora esteja claro que em filmes, fotografias ou pinturas também se expressam ideias e histórias).

Filosofia e gênero: um problema aberto

Relatamos no início deste texto o surgimento do problema no âmbito específico do departamento de Filosofia da UnB, motivador primeiro da Jornada. A questão, entretanto, nos leva a uma abordagem mais ampla da percepção do silêncio e das estratégias de silenciamento feminino na área. Após uma primeira constatação um tanto vivencial, empírica, do problema, passamos a busca de elementos mais precisos para delinear a questão. Essa etapa é importante, pois, como sugerimos, as demandas comunitárias de temas para a extensão são muitas vezes pressupostas, raramente se tematiza como foi detectada tal necessidade. Para dar suporte científico ao problema, recorreremos, então, ao material do Grupo de Trabalho *Gênero e filosofia* da ANPOF, que traz a público (para o espaço público do saber e das lutas políticas acadêmicas e institucionais) dados comparativos e passíveis de análise capazes de legitimar no espaço da ciência, e por seus meios, a complexa relação entre as mulheres e a filosofia.

O levantamento e publicização – em um ambiente de debates acirrados como o portal dos associados da pós-graduação em Filosofia no Brasil – permite assim revelar os desafios que enfren-

tam as mulheres, professoras, estudantes, funcionárias, dos departamentos de filosofia no Brasil: os silenciamentos, a descon sideração, as violências simbólicas e por vezes até físicas. Os dados comparativos que o grupo de trabalho produziu tem tornado finalmente públicas questões longamente ignoradas no Brasil. A pesquisa do GT *Gênero e filosofia* procura compreender quais são as causas histórico-culturais da exclusão (o silêncio tomado como natural) e do silenciamento (o mecanismo secreto de atuação) das mulheres, que querem ocupar seu lugar na filosofia, e, desse modo, construir ações que permitam transformar essa realidade.

Entre as várias propostas elaborada por esse grupo de trabalho da ANPOF, destacou-se a pesquisa da professora Carolina Araújo, realizada em 2015. A pesquisa ofereceu um primeiro panorama sobre o estado das coisas nas instituições brasileiras e deu consistência para pensar questões há tempos sentidas pelas mulheres nos departamentos de filosofia, mas ainda não sistematizadas em dados estatísticos. Na pesquisa de Araújo, as universidades são ranqueadas segundo dados oficiais da CAPES de 2015 quanto à participação feminina nos departamentos de filosofia, da graduação, passando pela pós-graduação, até à docência. A classificação quanto ao índice de participação feminina na composição do corpo docente ou discente vai de “extraordinária” até “baixíssima”. A graduação e as pós-graduações da UnB se encontram na faixa “baixíssima”, tanto no quesito discente quanto na docência. Em alguns quesitos, como, por exemplo o número de docentes mulheres no quadro permanente, a UnB estava abaixo até de faculdades confessionais: faculdades jesuítas, por exemplo, como a FAJE, nas quais seria historicamente compreensível um maior percentual de atuação masculina.

Em geral, poucas universidades escapam a uma desigualdade de gênero na área de filosofia. Em entrevista, Araújo tenta pensar o porquê dessa característica no âmbito específico da filosofia, cujo

padrão contraria o das demais áreas englobadas atualmente entre as ciências humanas pelos padrões da CAPES:

Por que a Filosofia tem números de desigualdade de gênero tão próximos de áreas como Engenharias e Ciências Exatas? Isso vem da tradição histórica da imagem dessas profissões. Nas Ciências Humanas, de uma maneira geral, a imagem da pesquisadora mulher é muito mais presente. No campo da Filosofia, isso é muito menor, como é também no campo das Engenharias e no campo das Ciências Exatas, com algumas exceções. Eu diria que a autoimagem e a imagem dessas áreas realizam uma profecia que se cumpri. Homens que tomam conta desses espaços tornam esses ambientes mais masculinos. Tem todo um jogo político de construção da imagem desses pesquisadores e intelectuais que precisa ser desconstruído.(ARAÚJO, 2014)

16

Para essa desconstrução, a compreensão dos mecanismos de exclusão de gênero vai além de constatar os dados estatísticos mencionados acima, gritantes sem dúvida. Implica reconhecer estereótipos, situações tipo, e, a partir disso, repensar atitudes e papéis das mulheres que atuam nos departamentos de filosofia. Por um lado, o silêncio, muitas vezes entendido como característica de gênero, por outro, o silenciamento, ou seja, ações disseminadas e por vezes invisíveis que condicionam, formatam e replicam esse mutismo, naturalizando-o em papéis arquetípicos. Por fim, a escrita, o lugar de uma expressão cuja especificidade ainda está por ser analisada. Pensando nesses três momentos, primeiramente na naturalização estatística do silêncio, segundo, no mecanismo ideológico de seu fomento e continuidade e, em terceiro, na visibilidade de um outro tecido discursivo, elaborou-se um plano de pesquisa que resultou neste evento de extensão para a Semana Universitária da UnB que ora descreveremos.

A construção (os métodos) da jornada “silêncio, silenciamento e escrita feminina”

Para construir a Jornada, o grupo se preocupou em pensar como agenciar as personagens reais desse problema. As docentes, funcionárias e estudantes, cujos imaginários poderiam dar corpo ao problema abstrato de pesquisa. Assim, a princípio, foram convidadas para participação todas as docentes, independente do projeto de pesquisa, do departamento; foram sondadas, ainda, as funcionárias do departamento. Quanto ao universo das funcionárias, outro problema vinha a se somar ao imaginário da mulher na coletividade do departamento (e da universidade), já que lugares sociais e/ou raciais também se viam convocados ao debate. O grupo se reuniu com as funcionárias da secretaria e colheu ideias de como elas gostariam de participar, resultando em um momento importante do evento, como veremos a seguir.

A partir das participações das várias docentes, alunas e funcionárias convidadas, e levando em conta as mediações que elas propunham, a Jornada foi dividida em vários momentos, cada um caracterizado por um formato diferente e por objetivos próprios.

O primeiro momento foi a projeção de filmes de cineastas brasileiros e uma roda de conversa, coordenada pela professora Raquel Imanishi, docente de Estética do departamento de Filosofia da UnB. Foram projetados dois filmes/documentários recentes, ambos de autoria de cineastas mulheres e brasileiras. Enquanto *Meio Fio*, de Denise Vieira, tematiza as histórias de mulheres “varadas de amor” lidas pelo rádio, *Entorno da Beleza*, de Dácia Ibiapina, foca o imaginário dinâmico das comunidades do entorno do Plano Piloto e de Brasília, às voltas com um concurso feminino de beleza. Ambos os filmes selecionados, independentemente de suas linguagens, têm em comum esse dado vivencial a partir de visões plurais, midiá-

ticas, coletivas ou individuais, do que constitui um pretense universo do feminino. A conversa com as cineastas tinha como objetivo agregar ao debate elementos constitutivos de uma modalidade *imageal*, na qual, como propusemos, se somam, sem um vetor comum, no *imaginal*, aspectos diversos advindos tanto da experimentação individual e/ou comunitária quanto da generalização midiática.



Figura 1: Raquel Imanishi e Dácia Ibiapina no debate após a exibição dos filmes.
Fonte: Foto de Ana Paula Lopes, outubro de 2017.

O segundo momento foi uma roda de conversa composta por mulheres que pertencem ao departamento de filosofia da UnB, exercendo diferentes funções: professoras, pesquisadoras, coordenadoras, estudantes da graduação e da pós-graduação, funcionárias. As participantes vieram apresentar uma reflexão sobre o próprio percurso de formação, sobre a própria vivência no departamento, destacando eventualmente comparações com outros lugares de trabalho. Deixamos intencionalmente a cada participante

a livre escolha de possíveis ênfases na exposição, tendo como objetivo a apresentação sucessiva de diferentes visões das mulheres, a surgir do relato de histórias pessoais. Ao mesmo tempo, pedimos para que professoras e funcionárias que trabalham a mais tempo no departamento contribuíssem para a construção de uma outra narrativa sobre a história da instituição e para a apresentação de dados relativos ao mundo do trabalho feminino na universidade, assim como sobre a pesquisa de e sobre mulheres na filosofia. Como sugestão de uma das secretárias do departamento, Liliane Belo, que é oriunda do Norte do Brasil, a mesa se encerrou com um evento surpresa, conduzido por ela e por sua irmã, que dançaram o carimbó. Uma cesta com saias rodadas ficou disponível aos demais participantes que quisessem dançar. A construção de um imaginário que também agrega elementos culturais regionais foi um dos momentos de grande confraternização do evento.



Figura 2: Dança de carimbó - funcionárias, alunas e professoras do Departamento de Filosofia.
Fonte: Foto de Ana Paula Lopes, outubro de 2017.

Os dois primeiros momentos foram focados em construir um mosaico plural das imagens do feminino, no qual estivessem justapostos elementos corporais, midiático, individuais, sociais, tal como propõe o conceito acionado pelos pesquisadores de imaginal. O objetivo era realizar o primeiro passo em direção a uma articulação do imaginário sobre a mulher que não apenas levasse em conta as diversas vozes e posições, mas também diferentes saberes relativos ao tema. O entrelaçamento entre os dados/imagens sobre mulheres, reconstrução da história institucional do departamento e da universidade e os relatos de vivências visavam, já neste primeiro momento, superar uma visão do debate como mera contraposição de opiniões diferentes, pois vinculava as falas individuais a uma narrativa que se constituiu coletivamente. Longe de um debate, disputatio nos moldes acadêmicos, esse mosaico de imagens permitiu estabelecer um horizonte comum de conhecimento sobre a situação das mulheres na universidade e forneceu instrumentos para discutir criticamente estereótipos e preconceitos, assim como modelos de aquisição de conhecimentos sobre a efetiva contribuição das mulheres ao universo científico e à manutenção da instituição universitária.

A noção de *imaginal* opera, então, neste primeiro momento, na elaboração de uma série de imagens que se formam na tensão entre vivência e experiência compartilhada, memória individual e história da instituição, visões de jovens mulheres e mulheres mais maduras, preconceitos individuais e culturais, assim como o imaginário hegemônico sobre mulheres e as suas críticas. A ideia de construção coletiva do percurso de debate, por fim, levou ao modelo de uma roda de conversa em que convergiam papéis e vozes diferentes em torno de uma mesma narrativa. Diferentemente de formatos mais tradicionais, em que o debate acontece apenas no palco, a jornada foi planejada envolvendo na sua construção todas

as participantes, diferindo de “jornadas” acadêmicas em que cada um apresenta a “sua” comunicação.

O momento central da construção da Jornada, na verdade, o cerne a partir do qual se constituiu o evento, foi a Oficina Caixa de Pandora. Trata-se de uma releitura do projeto da estudante Ana Paula Lopes, cuja inquietação foi a origem da Jornada. O projeto original foi desenvolvido durante os estágios pedagógicos com a docente Gláucia Figueiredo. Outro modelo incorporado à ideia proveio dos estudos sobre oficinas conceituais, que se deram a partir do PIBID UnB e da oficina Mulheres e religião, ocorrida na 45ª Semana de Filosofia (BISOL, MENDES, 2017). O objetivo dessas atividades era ressaltar aspectos históricos, psicológicos, conceituais e, principalmente, pensar em uma formação que pudesse dar voz às mulheres (seus textos e suas angústias e reflexões no momento da oficina), como estratégias de resistência e possibilidades de pensar-criar outras possibilidades de vida – éticas, políticas, culturais, econômicas. Sem impor, porém, uma leitura unívoca, na forma de uma palestra ou aula pronta. Desse modo, incorporando elementos dramáticos interdisciplinares, a oficina foi introduzida por uma leitura dramática de breves trechos de obras escritas por mulheres, dedicadas ao tema do silêncio, do silenciamento e da escrita feminina. Em seguida, os grupos, a partir de uma coletânea de textos previamente escolhidos, construíram questionamentos coletivos, depositados na “Caixa de Pandora”. Entre as autoras escolhidas para a coletânea, vozes diversas como as de Hannah Arendt, Judith Butler, Angela Davis, Marilena Chauí, Sibilla Aleramo, Adélia Prado. O título da oficina retoma o mito de Pandora, assim como ele é construído nas páginas do trabalho de Giulia Sissa, dedicado à sexualidade e à sensualidade no mundo antigo (SISSA, 2015). Pandora (todas-dádivas), na obra *Os trabalhos e os dias* do poeta grego Hesíodo, é a primeira mulher, literalmente *fabricada* por Zeus: não é natural, um produto da natureza. Todos os habitantes do

Olimpo lhe doavam coisas, disso vem o seu nome. Pandora, recheada de joias, experta nas artes manuais e dotada de um grande talento na mentira e no engano. Quando casa com Epimetheus, entrando na sua nova habitação comete logo um erro fatal: abre uma jarra (a caixa de Pandora), de que saem as *kédea lugrá*, as penas, as preocupações e as angústias que atormentam a humanidade. É neste momento em que os mortais se tornam propriamente *humanos*. A aparição da diferença sexual, escreve Sissa, é a experiência da dificuldade, da tensão, do sofrimento, da fragilidade.



Figura 3 e 4: Momentos da oficina Caixa de Pandora, nos quais se acionam elementos de dramaturgia para propor um debate.

Fonte: Foto de Ana Paula Lopes, outubro de 2017.

Após a oficina, a jornada se encerrou com uma mesa-redonda para a qual foram convidadas especialistas acadêmicas que tratam de questões da escrita feminina. As professoras convidadas foram Susane Rodrigues de Oliveira, do departamento de história, especialista na questão feminina em relação ao ensino de história, a professora Tatiana Lionço, do departamento de Psicologia, pesquisadora de questões de gênero e diversidade sexual, e a co-organizadora da jornada, Benedetta Bisol, na época pós-doutoranda do Departamento de Filosofia UnB. A mediação ficou a cargo do professor Wanderson Flor (FIL UnB). Nesse sentido, é importante ressaltar a par-

ticipação de professores que estudam a questão de gênero, mesmo não sendo protagonistas femininas obviamente. Houve, também, durante a Jornada, performances do prof. Hilan Bensusan, que trabalha com problemas acerca dos diferentes feminismos. Embora não tenhamos conseguido, no espaço da Jornada, pensar em profundidade pontos como estes do lugar de fala, a questão mais ampla diz respeito aos modos de acesso ao pensamento feminino. Ou seja, apesar de focar o protagonismo feminismo, houve interesse em interfaces de homens pensadores voltados à questão do feminismo. Fato digno de nota, a plateia das mesas do evento foi constituída por um público de muitos alunos do sexo masculino. O público de professores do sexo masculino, no entanto, deixou a desejar.



Figura 5: Mesa redonda de encerramento com Benedetta Bisol, Tatiana Lionço, Wanderson Flor e Susana Rodrigues de Oliveira.

Fonte: Foto de Ana Paula Lopes, outubro de 2017.

Da imagem prismática produzida pelas múltiplas mediações de cineastas, documentaristas, funcionárias, alunas, docentes, passamos à discussão, pela oficina, de conceitos filosóficos plásticos, moldados a partir das questões coletivas, e não o contrário. De posse dessa abertura problemática, o evento fechou-se, então, com a

apresentação conceitual de várias áreas do conhecimento sobre a questão. O esperado era que o fechamento não funcionasse como uma conclusão, mas como uma brecha de perspectivas analíticas a partir do mosaico de narrativas e imagens elaboradas durante os dias da Jornada. Por meio de um choque entre, por um lado, a trama imageal, ou mesmo factual, as micronarrativas vivenciais, os dados estatísticos e, por outro, o discurso metodológico conceitual de diversas áreas, as ciências podem ser investidas de uma dinâmica outra que, sem perder seu âmbito rigoroso e mesmo por vezes hermético, a investe de representatividade ativa, atuante.

Referências

ARAÚJO, CAROLINA. MULHERES NA PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA NO BRASIL – 2015. **ANPOF**, 2016, DISPONÍVEL EM [HTTP://ANPOF.ORG/PORTAL/IMAGES/DOCUMENTOS/ARAUJOCAROLINA_ARTIGO_2016.PDF](http://anpof.org/portal/images/documentos/ARAUJOCAROLINA_ARTIGO_2016.PDF). ACESSO EM: 12 OUT. 2017

_____. ENTREVISTA, **ANPOF**, 2014. DISPONÍVEL EM: [HTTP://ANPOF.ORG/PORTAL/INDEX.PHP/EN/2014-01-07-15-22-21/ACONTECE/918-ENTREVISTA-COM-A-PROFESSORA-CAROLINA-ARAUJO](http://anpof.org/portal/index.php/en/2014-01-07-15-22-21/acontece/918-entrevista-com-a-professora-carolina-araujo). ACESSO EM: 12 OUT. 2017.

ARRUDA, MARIA ARMINDA DO NASCIMENTO. POLÍTICAS PÚBLICAS DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. **REVISTA DE CULTURA E EXTENSÃO USP**, v. 4, p. 9-14, 2010.

BISOL, BENEDETTA, MENDES, GIGLIOLA. MULHERES, MESTRE DE TOLERÂNCIA? ANOTAÇÕES SOBRE O PAPEL DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO E SOBRE O PAPEL A PRÁTICA FILOSÓFICA COLETIVA. **REVISTA PÓLEMO**S, v. 6, N 11, JAN-JUL, p.89-99, 2017.

BOIA, LUCIAN. **POUR UNE HISTOIRE DE L'IMAGINAIRE**. PARIS: LES BELLES LETTRES, 1998.

BOTTICI, CHIARA. **IMAGINAL POLITICS: IMAGES BEYOND IMAGINATION AND THE IMAGINARY**. NEW YORK: COLUMBIA UNIVERSITY PRESS, 2014.

CASTRO, SUSANA, RODRIGUES, CARLA. MULHERES OU OS SILÊNCIOS DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA. **ANPOF**, 2107. [HTTP://ANPOF.ORG/PORTAL/INDEX.PHP/PT-BR/COMUNIDADE/COLUNA-ANPOF/1099-AS-MULHERES-OU-OS-SILENCIOS-DA-HISTORIA-DA-FILOSOFIA](http://ANPOF.ORG/PORTAL/INDEX.PHP/PT-BR/COMUNIDADE/COLUNA-ANPOF/1099-AS-MULHERES-OU-OS-SILENCIOS-DA-HISTORIA-DA-FILOSOFIA). ACESSO EM 12 OUT. 2017.

GONTIJO, PEDRO. PENSANDO UMA FILOSOFIA DA EXTENSÃO COM DELEUZE. **REVISTA DIÁLOGOS: CONSTRUÇÃO CONCEITUAL DE EXTENSÃO E OUTRAS REFLEXÕES SIGNIFICATIVAS**, v.14, n.1, DEZ, p.16-24, 2010.

LIMONGI, MARIA ISABEL. A FILOSOFIA E A DESIGUALDADE DE GÊNERO. **ANPOF**, 2016 DISPONÍVEL EM: [HTTP://ANPOF.ORG/PORTAL/INDEX.PHP/PT-BR/COMUNIDADE/COLUNA-ANPOF/981-A-FILOSOFIA-E-A-DESIGUALDADE-DE-GENERO](http://ANPOF.ORG/PORTAL/INDEX.PHP/PT-BR/COMUNIDADE/COLUNA-ANPOF/981-A-FILOSOFIA-E-A-DESIGUALDADE-DE-GENERO). ACESSO EM: 12. OUT.2017.

SISSA, GIULIA. **EROS TIRANNO**. SESSUALITÀ E SENSUALITÀ NEL MONDO ANTICO. ROMA-BARI: LATERZA, 2010.

TOLENTINO, JOANA. A VOZ DAS INVISÍVEIS: NOTAS SOBRE GÊNERO E FILOSOFIA. **ANPOF**, 2016. [HTTP://ANPOF.ORG/PORTAL/INDEX.PHP/PT-BR/COMUNIDADE/COLUNA-ANPOF/993-A-VOZ-DAS-INVISIVEIS-NOTAS-SOBRE-GENERO-E-FILOSOFIA](http://ANPOF.ORG/PORTAL/INDEX.PHP/PT-BR/COMUNIDADE/COLUNA-ANPOF/993-A-VOZ-DAS-INVISIVEIS-NOTAS-SOBRE-GENERO-E-FILOSOFIA). ACESSO EM: 12 OUT. 2017.

WUNENBURGER, JEAN-JACQUES. **O IMAGINÁRIO**. TRAD. MARIA STELA GONÇALVES. SÃO PAULO: EDIÇÕES LOYOLA, 2007.

_____, BUREAU, LUC; FERRARI, JEAN. (ORG.) **LA RENCONTRE DES IMAGINAIRES ENTRE EUROPE ET AMÉRIQUES**. PARIS: L'HARMATTAN, 1993.

Filmes

VIEIRA, DENISE. **MEIO FIO**, CURTA METRAGEM, COR, 20 MIN, DF, 2014.

IBIAPINA, DACIA. **ENTORNO DA BELEZA**, DOCUMENTÁRIO, COR, DIGITAL, 71 MIN, DF, 2012.